

PRÓLOGO

Há uns dez ou doze anos, comecei a desenvolver um interesse algo mais do que esporádico pela história de um dos ramos da minha família, de nome Laidlaw. Dispunha de abundante informação a seu respeito — algo de invulgar, atendendo a que nunca foi uma família eminentemente nem próspera, e que ainda por cima viveu no vale de Ettrick, designado pela *Descrição Estatística da Escócia* (1799) como uma região «sem vantagens». Eu passei alguns meses na Escócia, perto do vale de Ettrick, o que me permitiu encontrar os nomes dos meus familiares em relatos históricos locais, nas bibliotecas de Selkirk e de Galashiels, e descobrir o que James Hogg disse sobre eles na *Blackwoods Magazine*. A mãe de Hogg era uma Laidlaw, e ele levou Walter Scott a visitá-la quando este andava a recolher baladas para *The Minstrelsy of the Scottish Border*. (Ela forneceu-lhe algumas, embora depois tenha ficado ressentida por ele as ter publicado.) E tive sorte pelo facto de em cada geração da nossa família ter havido sempre alguém com inclinação para redigir cartas longas e francas, por vezes escandalosas, ou pormenorizadas narrações autobiográficas. A Escócia, recorde-se, foi o país onde John Knox decidiu que todas as crianças deviam aprender a ler e a escrever, em pequenas escolas de aldeia, de maneira a que toda a gente pudesse ler a Bíblia.

E não ficaram por aí.

Ao longo de anos fui coligindo todo este material, que em alguns casos começou, quase sem que eu me desse conta, a ganhar forma por si mesmo, convertendo-se em contos e similares. Algumas das personagens ganharam vida a partir das suas próprias palavras, outras emergiram dos contextos em que viveram. As suas palavras misturaram-se com as minhas, numa curiosa recriação de vidas reais, num cenário concreto e tão fidedigno quanto a nossa noção do passado alguma vez pode ser.

Durante esses anos, fui escrevendo também uma peculiar série de histórias, nenhuma das quais seria incluída nos livros de contos que fui coligindo. A razão pela qual não as incluí foi sentir que elas não encaixavam nessas recolhas de contos. Embora não se tratando de memórias, eram relatos mais próximos da minha vida do que todos os que publicara anteriormente, incluindo os narrados na primeira pessoa. Em anteriores relatos na primeira pessoa, eu tinha-me inspirado em experiências reais, mas depois tratara-as com inteira liberdade. Isto porque o meu principal objectivo aí era construir uma história. Nas histórias que deixei por publicar, não foi bem isso o que fiz. O que fiz foi algo mais parecido com um relato autobiográfico — explorar uma vida, a minha, mas não de uma forma austera ou rigorosamente factual. Coloquei-me a mim mesma no centro e escrevi sobre esse eu, tão minuciosamente quanto me foi possível. Mas as figuras em torno desse eu acabaram por adquirir uma vida e uma cor próprias, fazendo coisas que os seus modelos nunca haviam feito. Como, por exemplo, ingressarem no Exército de Salvação, ou terem vivido em Chicago. Um deles fez-se electrocutar, outro disparou uma espingarda num estábulo cheio de cavalos. De facto, algumas dessas personagens distanciaram-se tanto das suas origens que eu já não me consigo lembrar qual o modelo em que se basearam.

Isto é um livro de *contos*.

Poder-se-á dizer que estes contos atribuem mais importância à verdade de uma vida do que é comum em relatos ficcionais. Mas não o suficiente para que possamos jurar pela sua factualidade. E a parte deste livro que se poderá qualificar como história familiar expandiu-se sob uma forma ficcional, embora sempre dentro dos limites de uma narrativa verídica. Com estes desenvolvimentos, as duas correntes aproximaram-se o suficiente para me parecerem destinadas a fluir numa única corrente, tal como ocorre neste livro.

PRIMEIRA PARTE

Sem Vantagens

Sem Vantagens

É uma paróquia sem vantagens. Nos montes, o solo é em muitos sítios musguento e não serve para nada. O ar é em geral húmido. É isto devido à altura dos montes, que continuamente atraem as nuvens, e ao vapor continuamente exalado pelo solo musguento [...]. O mercado mais próximo fica a vinte e cinco quilómetros de distância, e as estradas são tão más que se tornam quase intransitáveis. Em certas alturas, a neve torna-se também um grande inconveniente, e amiúde ficamos isolados da humanidade durante meses. Uma grande desvantagem é a inexistência de pontes, o que faz obstáculo aos viajantes em épocas de cheia [...]. As únicas culturas são a batata e a cevada. Nunca se tentou semear trigo, centeio, nabos ou couves [...].

Há nesta paróquia dez proprietários de terras: nenhum reside nela.

Contributo do pastor da paróquia de Ettrick,
no condado de Selkirk, para a *Descrição Estatística*
da Escócia, 1799.

O vale de Ettrick situa-se a uns oitenta quilómetros a sul de Edimburgo e a quarenta e tal quilómetros a norte da fronteira inglesa, que corre próxima à muralha que Adriano construiu para impedir a penetração dos bárbaros do Norte. Durante o reinado de Antonino, os romanos avançaram no terreno e edificaram uma linha de fortificações entre o estuário do Clyde e o estuário do Forth, mas estas não duraram tanto tempo. A faixa de terra entre as duas muralhas tem desde há muito sido habitada por uma mistura de povos — celtas, alguns dos quais oriundos da Irlanda e denominados escotos, mas também anglo-saxões do Sul, noruegueses do outro lado do mar do Norte e, provavelmente, alguns remanescentes dos pictos.

A quinta onde a minha família viveu durante algum tempo, no alto e pedregoso vale de Ettrick, tinha o nome de Far-Hope. A palavra *hope*, tal como usada na geografia local, é uma palavra antiga, norueguesa — nesta região, como seria de esperar, os termos noruegueses, anglo-saxónicos e gaélicos misturaram-se com o bretão antigo, sugerindo uma anterior presença galesa. *Hope* significa baía, não uma baía formada por água, mas por terra, parcialmente fechada por colinas, que neste caso eram altas e despidas, as quase montanhas das Terras Altas do Sul. A Black Knowe, a Bodesbeck Law, a Ettrick Pen — eis aqui as três grandes colinas, com a palavra «colina» em três línguas. Algumas dessas colinas estão hoje a ser reflorestadas com *sitka spruce*, mas nos séculos XVII e XVIII estavam nuas, ou praticamente, já que a vasta floresta de Ettrick, antigo terreno de caça dos reis escoceses, havia sido derrubada e convertida em pastagens ou charnecas cem ou duzentos anos antes.

As terras altas acima de Far-Hope, situada no termo do vale, constituem a espinha vertebral da Escócia, estabelecendo a divisão entre as águas que correm para oeste, em direcção ao estuário de Solway e ao oceano Atlântico, e as que correm para leste, para o mar do Norte. Quinze quilómetros a norte situa-se a cascata mais famosa do país, a quem chamam a Cauda de Égua Cinzenta. A oito quilómetros de Moffat, que era o mercado mais próximo para quem vivia vale acima, encontra-se a Pia do Diabo, uma grande fenda nas montanhas que supostamente servia de esconderijo para o gado roubado, isto é, roubado aos ingleses pelos salteadores, no mundo sem lei do século XVI. Na parte inferior do vale de Ettrick fica Aikwood, a terra natal de Michael Scott, filósofo e feiticeiro dos séculos XII e XIII, que aparece no *Inferno* de Dante. Como se isso não bastasse, diz-se que William Wallace, o herói guerrilheiro dos escotos, se refugiava dos ingleses aqui, e há uma história segundo a qual Merlin — esse mesmo — foi perseguido e assassinado na antiga floresta por pastores de Ettrick.

(Tanto quanto sei, os meus antepassados, geração após geração, foram pastores no vale de Ettrick. Pode parecer estranha a presença de pastores numa floresta, mas tudo indica que nas florestas de caça havia muitas clareiras.)

Da primeira vez que o vi, porém, o vale decepcionou-me. É algo que pode acontecer com os lugares que acarinhámos na imaginação. Visitei-o no início da Primavera e os montes estavam acastanhados, ou de um castanho violáceo, trazendo-me à memória os montes em redor de Calgary. As águas do Ettrick corriam céleres e claras, mas o rio não é mais largo do que o Maitland, que corre junto à quinta onde cresci, no Ontário. Os círculos de pedras, que a princípio tomei por interessantes vestí-